

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

LILIANA FINGER

**LEITURA DE HIPERTEXTO:
CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

PORTO ALEGRE

2010

LILIANA FINGER

**LEITURA DE HIPERTEXTO:
CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Ms. Paloma Dias Silveira

Porto Alegre

2010

*Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face
neutra e te pergunta, sem interesse pela
resposta, pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

O presente estudo analisa a questão da leitura de hipertexto em ambientes virtuais e suas contribuições na formação de leitores. É sabido que o avanço tecnológico vem ocasionando uma série de mudanças afetando as práticas de leitura e possibilitando ao leitor a co-autoria que a leitura do texto virtual apresenta. Esse trabalho trará breves reflexões sobre o papel do leitor desde os primórdios até a era atual na qual encontramos os hipertextos. Discutiremos a questão da leitura no ambiente escolar verificando algumas problemáticas que envolvem essa prática no espaço educativo. Definiremos o que vem a ser o hipertexto abordando suas características e trazendo algumas reflexões sobre o papel do leitor frente às novas possibilidades de leitura em ambientes virtuais (hipertexto), verificando de que forma essas práticas contribuem para construção do sentido e a formação do leitor.

Palavras-chave: leitura - leitor - hipertexto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 PRÁTICAS DE LEITURA	08
1.1 PRÁTICAS DE LEITURA ATRAVÉS DA HISTÓRIA.....	08
1.2 LEITURA NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL.....	12
1.3 A LEITURA E O LEITOR.....	13
2 HIPERTEXTO	18
2.1 O QUE É HIPERTEXTO?.....	18
2.2 O LEITOR DE HIPERTEXTO.....	20
3 A LEITURA NO ESPAÇO PEDAGÓGICO	28
3.1 LEITURA NA ESCOLA.....	28
3.2 CONTRIBUIÇÕES DAS PRÁTICAS DE LEITURA EM AMBIENTES HIPERTEXTUAIS NA FORMAÇÃO DO LEITOR.....	30
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O avanço tecnológico vem ocasionando uma série de mudanças na sociedade contemporânea, acarretando algumas alterações nas práticas cotidianas. O computador vem para facilitar e complexificar a nossa vida e, disponibilizar o acesso a inúmeras fontes de informações.

Neste sentido, encontramos as práticas de leitura que acabam sofrendo mutações devido ao advento dessa tecnologia. Antes, o leitor de um material impresso realizava a leitura de forma mais direcionada de acordo com a descrição do autor, seguindo uma certa linearidade e sequência preestabelecida. Ele até poderia parar a leitura e consultar as notas de rodapé ou o sumário. Agora, os textos em ambientes virtuais, conhecidos como **hipertextos**, apresentam uma particularidade na qual o texto, o som e a imagem fazem parte do mesmo texto em si, oportunizando uma série de leituras e caminhos pelos quais o leitor pode fazer suas escolhas. O leitor nessa modalidade tem autonomia para direcionar a sua leitura de acordo com suas preferências e necessidades.

Nesse momento nos questionamos sobre o papel do leitor frente a essa nova modalidade de leitura. Temos o conhecimento de que um leitor proficiente em leituras de textos da web, ou seja, aquele leitor que lê com habilidade o hipertexto, conseguirá realizar sua pesquisa de forma tranquila, mas, e como fica o leitor em formação que é aquele que não apresenta proficiência na leitura de textos da web? Será que ele conseguirá se guiar entre tantos caminhos sem perder o foco da pesquisa? Estes aspectos serão explorados nesse trabalho que visa compreender de que forma as leituras em ambientes virtuais podem contribuir na formação do leitor.

Comprendemos que a reflexão sobre esses aspectos é de fundamental importância para o desenvolvimento de habilidades de leitura na escola, visto que as tecnologias estão inseridas na vida de nossos alunos e como profissionais da educação precisamos nos familiarizar com as possibilidades de ensino que as tecnologias nos oportunizam.

Iniciaremos o trabalho apresentando uma breve evolução das práticas de leitura desde a antiguidade até a atualidade. Em seguida, já no contexto atual, iremos definir o que vem a ser o hipertexto, abordando suas características e trazendo algumas reflexões sobre o papel do leitor frente às novas possibilidades de leitura em ambientes virtuais, verificando de que

forma essas práticas contribuem para a formação do leitor. Finalizando o trabalho, abordaremos aspectos em relação à leitura na escola, verificando o contexto atual e de que forma ela é trabalhada na escola. As reflexões sobre as contribuições do hipertexto na formação do leitor farão o fechamento desse trabalho. Nesse espaço verificaremos de que forma a leitura em ambientes virtuais pode contribuir na formação de um leitor crítico e autônomo.

Esse trabalho é de cunho bibliográfico e como embasamento teórico, faremos uso das contribuições de diversos autores como os historiadores Guglielmo Cavallo e Roger Chartier que nos trarão um panorama da história do livro no mundo ocidental e das práticas de leitura ao longo da história. Eni Orlandi e Ângela Kleinman que tratam da questão do leitor e das habilidades cognitivas necessárias para a compreensão da leitura. Antônio Carlos Chavier, Luiz Antônio Marcuschi e Pierre Lévy serão abordados na questão mais específica do hipertexto, assim como Lúcia Santaella que trará algumas reflexões sobre o leitor de hipertexto.

A problemática escolhida para o desenvolvimento deste trabalho surgiu durante a disciplina de Projeto e Produção de Material Didático, mais especificamente no desenvolvimento das atividades acerca dos Fundamentos de Hipertexto. Fomos levados a ler e pesquisar sobre o hipertexto e perceber suas potencialidades na educação. Nesse sentido, percebemos que a leitura de hipertexto apresenta características distintas da leitura de um material impresso e que seria interessante pesquisar e refletir sobre essas questões.

1 PRÁTICAS DE LEITURA

1.1 PRÁTICAS DE LEITURA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

A história nos mostra que, ao longo dos séculos, as práticas de leitura evoluíram de acordo com as mudanças ocorridas na sociedade assim como, nas estruturas materiais utilizadas como suporte para a escrita.

Os historiadores Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1998, p. 8) reconstituem a história da leitura no mundo ocidental e explicam que “[...] a leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição dentro de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros”. Esses autores apresentam práticas de leitura desde a Antiguidade Grega e Romana até a Idade Moderna, passando pela Idade Média. O ponto de chegada se dá na contemporaneidade na qual encontraremos práticas de leitura influenciadas pelo avanço das tecnologias. Este último caso é aquele que condiz com o objetivo desta monografia.

Podemos compreender que a história das práticas de leitura está diretamente ligada à história do livro, um depende do outro para ocorrer. Cada etapa dessa evolução histórica narrada brevemente a seguir, apresenta particularidades como as descritas pelos autores, que caracterizam as práticas de leitura, de acordo com vários aspectos históricos, sociais e econômicos. Esse resgate histórico se faz necessário para refletirmos sobre alguns aspectos que se farão presentes na contemporaneidade.

Chartier (1998, p. 13, 24) explica que, na Antiguidade, encontramos o rolo que era utilizado como suporte para a escrita. Ele se caracterizava como “[...] uma longa faixa de papiro ou de pergaminho que o leitor deve segurar com as duas mãos para poder desenrolá-la. Ele faz aparecer trechos em colunas”. Esse rolo era manuscrito pelo autor ou por um escriba. O leitor dessa época precisava desenrolar o rolo e dessa forma tinha a liberdade de rolar livremente em qualquer direção, a ele era permitido uma leitura livre.

Pelo fato de haverem poucos letrados naquela época, a modalidade de leitura mais praticada era a leitura em voz alta. A figura do leitor ouvinte se torna essencial para a propagação das histórias. Isso reforça a realidade da leitura na época, que era narrada para um

público com o sentido de comunicar o escrito àqueles que não saberiam decifrá-lo (*ibid*, p. 8-11).

Naquela época, a prática da leitura silenciosa era conhecida por poucos, pois era uma prática reservada a alguns leitores, principalmente pelo fato da maioria não ser alfabetizada. Os demais, que não eram alfabetizados, conheciam apenas a leitura do exterior (*ibid*, p. 55). É compreensível que em uma comunidade com poucos leitores a difusão das informações e histórias seja por meio da leitura em voz alta, nesse sentido, externa, profanada por um leitor.

Cavallo e Chartier (1998, p. 71) destacam que na Roma Antiga, o uso da escrita se restringia praticamente aos nobres e sacerdotes, que eram os “[...] depositários dos conhecimentos fundamentais”. Nesse sentido compreendemos que a leitura não era uma prática realizada pelo povo, mas sim, uma prática realizada pelos nobres, sendo assim ela se caracterizava como uma prática social e não somente cultural. Ela se destinava a aqueles que faziam parte da classe dos mais ricos, assim como a igreja que pertencia a esse grupo. Nesse momento da história encontramos um aspecto econômico das práticas de leitura, pois somente aqueles que tinham condições de adquirir livros e que eram alfabetizados podiam ler.

Por volta do século II a.C, em Roma, a leitura torna-se então uma prática da vida privada, apresentando a intimidade do leitor com o texto. Surgem assim, as bibliotecas domésticas, características da elite. O aumento do público leitor na época deve-se a difusão do alfabetismo. A partir do período imperial Romano, ocorrem mudanças nas práticas de leitura pelo fato da grande circulação da cultura escrita conforme explicam os autores Cavallo e Chartier (1998, p. 16-17).

Com o passar do tempo as bibliotecas passam a ser resignificadas e aos poucos deixaram de ser “museus de livros” (como eram as bibliotecas helenísticas da Grécia) para fazer parte da vida das pessoas e ter por objetivo a propagação da leitura. “As bibliotecas dos romanos ricos como as do mundo helenístico, são ligadas a um jardim e a pórticos; mas esse espaço inicialmente exclusivo e reservado aos livros vai-se transformando em um espaço ‘para viver’” (*ibid*, p.17). Dessa forma, as bibliotecas passam a ter vida, a ser úteis para os leitores da época.

Nesse cenário em que muitas pessoas sabem ler e no qual circulam numerosos produtos escritos, manifesta-se uma crescente demanda de livros que encontra uma resposta em três planos: na criação de bibliotecas públicas e incremento das particulares, complementadas pelo florescimento de tratados que visam a guiar o leitor na escolha e na aquisição de livros; na oferta de textos novos (ou refeitos) destinados a novas faixas de leitores; na produção e distribuição de um tipo diferente de livros, o *codex*, mais adequado às necessidades desses novos leitores e das diferentes práticas de leitura (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p. 17).

Para uma sociedade antiga essas questões em relação aos leitores e aos livros revelam uma preocupação em atender as necessidades de cada grupo de leitor, buscando também uma oferta maior de livros e utilizando o *codex* como suporte mais prático para a escrita, mesmo ainda não sendo acessível à maioria da população.

A partir do século II d.C. o *codex* substitui o livro em rolo e apresenta características mais próximas do livro da atualidade, pois apresenta páginas. “O *codex* coloca-se como instrumento mediador entre a leitura na Antiguidade e as maneiras de ler na Idade Média” (*ibid*, p. 19). Surge então esse novo suporte para a escrita, devido ao aumento de leitores. Esse novo formato de livro era mais econômico, pois ocupava os dois lados da folha.

Na Idade Média, a leitura era realizada em espaços determinados como o interior das igrejas, das celas, dos claustros, das escolas religiosas e nas cortes. Essa leitura delimitava-se às sagradas escrituras e a textos de edificação espiritual. Nesse momento da história, a leitura em voz alta dá lugar à leitura silenciosa, pelo fato do material lido ser de caráter religioso e dessa forma, cada indivíduo poderia meditar sobre a leitura realizada. “O significado e a função do livro se haviam transformado” (*ibid*, p. 20, 21).

Surge uma nova fase na história da leitura a partir do final do século XI até o século XIV. A escola passa a ter uma importância significativa, a alfabetização se desenvolve com mais ênfase assim como, a escrita em todos os níveis. Dessa forma, os livros também se diversificam e passam a contemplar um número maior de leitores. Com esse progresso, o livro passa a ser visto como instrumento de trabalho intelectual e fonte de saberes e não como um depositário de conhecimento a ser conservado (*ibid*, p. 22).

Na Idade Moderna a revolução do livro ocasionada pela invenção da prensa de Gutenberg tornou a produção impressa do livro mais numerosa e acessível aos leitores (*ibid*, p. 24). Esse livro apresenta a mesma estrutura do *codex* da antiguidade: é formado por folhas dobradas várias vezes formando uma sucessão de cadernos que são amontoados, costurados e protegidos por uma encadernação, conforme explica Chartier (1998, p. 7).

Podemos compreender que com o passar dos anos a leitura passou a ser valorizada e vista como uma prática fundamental para a difusão do conhecimento, a propagação da cultura, e a formação intelectual do cidadão. Sendo acessível e praticada nas mais diversas classes sociais.

Desde a Antiguidade grega e romana existiam duas maneiras de ler: a leitura oralizada e a leitura silenciosa. Depois da invenção de Gutenberg, já na Idade Média, deu-se início a um processo no qual os leitores deixaram de realizar a leitura oralizada (que era fundamental para a compreensão do sentido, principalmente daqueles leitores que não estavam totalmente

apropriados na questão da leitura) para praticar uma leitura mais silenciosa e visual, de acordo com Cavallo e Chartier (1998, p. 27).

Isso se explica pelo fato de cada época representar uma determinada prática de leitura oriunda das transformações que vinham ocorrendo na sociedade. O leitor, também com o tempo, passa a elaborar estratégias de leitura mais eficientes para a compreensão do sentido e isso também influencia nas práticas de leitura e pode ter modificado as maneiras de ler.

Ao longo da Idade Média, a prática de leitura silenciosa, em princípio reservada aos ambientes dos escribas monásticos, passou a ser utilizada no meio universitário e mais tarde, nos séculos XIV e XV, torna-se uma prática comum das aristocracias leigas e dos letrados (*ibid*, p. 27).

A modalidade de leitura silenciosa permite uma relação mais íntima entre texto e leitor, permitindo uma leitura rápida e ágil, guiada pela organização das páginas. Surgem na segunda metade do século XVIII dois tipos de leitores. O leitor intensivo que era aquele que se restringia a um *corpus* limitado e fechado transmitido de geração em geração, como por exemplo, a leitura da bíblia. E o leitor extensivo caracterizado como aquele que tem obsessão por leitura. Ele lê diversos tipos de textos atendo um olhar crítico sobre aquilo que lê. Essa leitura é caracterizada com livre ou irreverente (*ibid*, p. 28).

Nessa época o romance passa a ter uma grande importância no sentido de cativar o leitor e o prender na sua trama. De forma especial as leitoras aderem a essa leitura com mais ênfase pelo fato de se identificarem com os personagens ou com o enredo que por vezes se assemelha ao seu cotidiano (*ibid*, p. 29).

Na Europa do século XIX, as crianças passam a ser consideradas o novo público de leitores, e com a necessidade de atender a esse grupo, acabaram surgiram materiais específicos de leitura destinados a eles. Os contos de fadas, antes conhecidos apenas na oralidade, são adaptados para o público infantil.

A partir do século XIX a infância passa a ser respeitada e a figura da criança começa a aparecer com mais frequência. A criança não é mais comparada a uma tabula rasa ou a um adulto em miniatura, ela passa a ser valorizada nas suas características de criança e nesse sentido, passa a fazer parte do público de leitores.

Na escola pública daquela época havia muitas dificuldades, começando pela falta de um espaço adequado, falta de professores e de materiais.

As crianças aprendiam a escrever em bandejas de areia antes de passar para a lousa. Para evitar o gasto com os livros, as crianças aprendiam a ler em cartões, e passavam muito tempo copiando letras e palavras para treinar a caligrafia. A produção escrita não era trabalhada na escola. As aulas de leitura se resumiam a memorizações mecânicas de alguns poucos textos, que eram avaliados posteriormente. A leitura, portanto, exigia paciência severa e repetição sem fim de exercícios (CAVALLO; CHARTIER, 1999, p.179).

Encontramos nesse momento histórico uma informação que apresenta a leitura como prática mecanizada. Não se tinha uma preocupação em formar leitores e nem ao menos em explorar os aspectos cognitivos da leitura que são fundamentais para a compreensão de um texto.

Chartier (1998, p. 143) explica que no século XIX, a leitura em voz alta teve destaque em alguns espaços como nas escolas onde os alunos eram incentivados a ler em voz alta, buscando controlar sua capacidade de ler em silêncio, que era a própria finalidade da aprendizagem escolar. Nos lugares institucionalizados como a igreja, a universidade e o tribunal a leitura em voz alta ainda era realizada.

O ensino tradicional da leitura não buscava o crescimento intelectual e nem mesmo a produção de sentido a partir do conteúdo lido. A memorização mecânica e a leitura controlada impediam o desenvolvimento de habilidades de leitura e da produção de saber. A escola que deveria ser um espaço para o desenvolvimento de tais habilidades ainda não havia se dado conta de sua função.

1.2 LEITURA NA CONTEMPORANEIDADE DIGITAL

No século XX, a difusão das tecnologias da informação começaram a fazer parte da vida de grande parte da população. Surgem novos conhecimentos, as informações passam a estar ao alcance de todos. Essas mudanças na sociedade acarretaram mudanças nas práticas cotidianas da população. Modificaram-se algumas maneiras de fazer determinadas atividades e a prática de leitura, como uma prática social que não poderia ficar de fora, sofreu influência desses novos meios de comunicação.

O computador foi uma das ferramentas que revolucionou a humanidade e com ele novos aprendizados acabaram surgindo. A leitura neste espaço acabou recebendo novas características e possibilitou uma prática diferenciada daquela realizada em determinado material impresso.

Os leitores de cada época se valem de determinadas maneiras de ler de acordo com o material escrito e as particularidades do suporte utilizado para a escrita. Podemos traçar relações entre os dois tipos de leitores: o leitor do rolo e o leitor da tela. Chartier relaciona o leitor da web aos demais leitores das épocas anteriores descritas acima, apontando características que os distinguem.

De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos; é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simplesmente esses dois leitores. Ao mesmo tempo é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. O leitor do livro em forma de codex coloca-o diante de si sobre a mesa, vira suas páginas ou então o segura quando o formato é menor e cabe nas mãos (CHARTIER, 1998, p. 13,16).

Cavallo e Chartier (1999, p. 30) salientam que “Ler na tela, de fato, não é ler num codex” o contexto é outro, o suporte da escrita mudou e dessa forma a maneira de ler também mudou. Agora o leitor da web se encontra frente a uma infinidade de textos e cabe a ele conduzir a leitura a partir de suas escolhas.

1.3 A LEITURA E O LEITOR

Iniciando as discussões sobre o conceito de *leitura* iremos verificar o que os autores que estudam este fenômeno pensam a respeito do mesmo.

Um dos conceitos de leitura apontado por Eni Orlandi determina que “[...] a leitura pode ser entendida como atribuição de sentido” (1993, p. 7). Acreditamos que, essa é uma das principais funcionalidades da leitura, pois ela nada é sem a intervenção do leitor que dará sentido ao texto.

Para Isabel Solé, o ato de ler se baseia na seguinte definição: “[...] ler é compreender e que compreender é sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender. É um processo que envolve ativamente o leitor, à medida que a compreensão que realiza não deriva recitação do conteúdo em questão” (1998, p. 44).

No percurso da leitura, o leitor aparece como peça fundamental para a efetivação da prática. É ele quem vai dar significação ao texto escrito por outrem e que vai representar o motivo pelo qual se escreve. O leitor não é um simples receptor da informação transmitida pelo texto, ele é parte integrante do processo de produção de sentido daquilo que o texto venha a transmitir.

Gisele Antunes e Sonia Brochado refletem sobre a relação entre leitor/escritor com a seguinte explanação: “Onde existe um leitor, existe também um ato de escritor, pois o texto só adquire pleno sentido ao alcançar um leitor desejoso por desvendá-lo. Assim, leitura e escrita inserem-se no texto, criando uma relação de comunicação entre escritor e leitor, visando à constituição de sentidos para o mesmo”¹.

Destarte o texto tem a função de instigar o leitor para que este se motive e realize a leitura. O ato comunicacional se dá nessa relação contribuindo para a produção de sentido. Orlandi acrescenta que o leitor não interage com o texto em si, numa relação sujeito/objeto, mas com o autor que está por traz do texto (1993, p. 9).

Para Kleinman (1992, p. 10) “A leitura é um ato social, entre dois sujeitos - leitor e autor - que interagem entre si [...]”. Cada leitor fará uma leitura própria do texto que ler, assim, cada leitor é único e cada leitura realizada de um texto também se torna única. O que explica o fato de que o texto pode ter sido escrito com uma intenção e o leitor se ater a outra que lhe chamou mais atenção. O texto pode ter um conjunto de intenções do autor, mas o leitor pode não se ater a estas intenções, e produzir outros sentidos na leitura que ele irá realizar.

Geraldi (2004, p. 91) também contribui com a discussão e complementa algumas considerações relevantes:

[...] leitura é um processo de interlocução entre leitor / autor mediado pelo texto. [...] O leitor não é passivo, mas agente que busca significações. O autor [...] se mostra e se dilui nas leituras do seu texto: deu-lhe uma significação, imaginou seus interlocutores, mas não domina sozinho o processo de leitura de seu leitor, pois este, por sua vez, reconstrói o texto na sua leitura atribuindo-lhe a sua (do leitor) significação.

É o leitor que irá atribuir significado ao texto, que agirá de maneira ativa e participativa. Kleinman comunga dessa opinião e acrescenta que “[...] o texto não é um produto acabado, que traz tudo pronto para o leitor receber de modo passivo” (1992, p. 36). Desse modo o leitor contribui na construção do significado do texto através de reflexões,

¹ ANTUNES; BROCHADO. *Autor e leitor: dialogismo na construção da significação pessoal*. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem11pdf/sm11ss12_04.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2010.

inferências, questionamentos... Ele dá a sua contribuição na elaboração da compreensão do texto.

A ação de ler agrega uma série de questões fundamentais para a produção de sentido. Sírío Possenti explica que “[...] o leitor é uma espécie de máquina que associa o que lê ao que já leu, ao que pensa a partir do que já leu [...]”². Essa é uma questão muito significativa: a capacidade de relacionar informações entre si e refletir sobre esse todo.

Kleinman concorda com essa explicação e acrescenta que: “O ato de compreender envolve uma série de processos cognitivos múltiplos, que contribuem para a formação do leitor (1992, p.9)”. A leitura não é um processo mecânico, como aquele que encontramos nas práticas escolares do século XIX, ela passa a ter vida através do leitor.

A leitura é uma atividade dinâmica. Os conhecimentos prévios são um conjunto de aspectos cognitivos que são associados no momento da leitura para que haja compreensão. Kleinman destaca que há outros fatores presentes e necessários para o ato de compreender. Uma delas é o conhecimento sobre a língua, assim como do nível linguístico em que determinado texto estará escrito.

A autora retoma os aspectos necessários para a construção de sentido explicando a ideia de que a leitura é um processo interativo.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem sobre si, que a leitura é considerada um processo interativo (KLEINMAN, 1992, p. 13).

Essa interação necessita por parte do leitor que ele tenha um conhecimento de mundo para que no momento da leitura a compreensão seja mais facilmente elaborada.

Retomando a questão do hipertexto, Leffa e Vetromille-Castro associam a questão do autor do texto e do leitor, no ambiente virtual.

[...] o conceito de texto está associado a ideia de autor, como aquele que é responsável pela organização do texto dentro de uma determinada estrutura composicional. O hipertexto, por outro lado, é da responsabilidade do leitor, que constrói o sentido com base nos componentes textuais fornecidos por um ou mais autores. A interatividade, finalmente, é uma construção colaborativa entre autor e leitor por meio de instrumentos capazes de projetar as

² POSSENTI, Sírío. *Notas um pouco céticas sobre hipertexto e produção de sentido*. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2098/1750>>. Acesso em: 27 out. 2010.

experiências e expectativas de cada um, fazendo com que leitor e autor interajam, mesmo quando fisicamente ausentes.³

Assim autor e leitor são sujeitos que interagem nessa dinâmica de forma colaborativa mesmo não havendo a interação face-a-face.

Encontramos a questão da interação de forma mais nítida na dinâmica de leitura de textos da web que apresentam uma série de recursos sonoros e visuais que contribuem para a construção do sentido.

Os leitores também no ato de ler elaboram estratégias que conduzirão a leitura em busca da compreensão. Podemos caracterizar os leitores de várias maneiras dependendo da vivência e do histórico de leitura de cada um. Adentrando no universo da leitura na escola e para posteriores discussões iremos distinguir dois tipos de leitores denominados aqui como: *leitor em formação e leitor proficiente*.

Em relação à proficiência podemos dizer que um leitor será proficiente na leitura do material que ele costuma ler e com o qual tiver um contato ou interesse maior. Uma pessoa analfabeta pode ser proficiente na leitura de placas. Um adolescente em idade escolar pode ser proficiente em leituras na web e pode ter dificuldades na leitura de uma obra literária. Nesse sentido, a proficiência não depende da idade do leitor, mas sim das suas vivências e capacidades. Dessa forma, a questão da proficiência é sempre uma questão relativa. Não existe um leitor proficiente, mas existe um leitor que é proficiente em determinados gêneros de textos. Todos somos leitores proficientes em determinados gêneros, e leitores em formação em outros determinados gêneros.

Nesse sentido, o professor da Universidade de São Paulo, Claudemir Belintane explica que: “O leitor proficiente desenvolve estratégias cognitivas que lhe permitem tomar decisões tanto durante a leitura como em suas escolhas cotidianas”⁴. Ou seja, é aquele que demonstra autonomia na tomada de decisões e que desenvolve estratégias facilitadoras para a compreensão do texto. É esse o leitor que a escola busca formar: um leitor que tenha autonomia para realizar determinada leitura e que seja crítico e questionador frente à compreensão que ele venha a abstrair de um texto.

³ LEFFA, Vilson; VETROMILLE-CASTRO, Rafael. *Texto, hipertexto e interatividade*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf> Acesso em: 23 out. 2010.

⁴ BELINTANE, Claudemir. *Educar na sociedade da informação*. Disponível em: <<http://www.cidade.usp.br/educar2001/mod4ses7.php>>. Acesso em: 02 nov. 2010.

Já como leitor em formação, compreendemos que seja aquele indivíduo que está apropriado do universo da escrita, mas que tem habilidades de leitura em determinado gênero textual. Como exemplo, usaremos situações oriundas do espaço escolar.

Quando um aluno está alfabetizado ele já consegue ler um texto que esteja dentro do seu nível linguístico. À escola cabe a tarefa de proporcionar ao aluno o contato com os mais diversos gêneros textuais para que ele tenha a capacidade de ler e abstrair uma informação assim como, a compreensão. Propor oportunidade para ampliar o leque de leituras é um dos compromissos da escola.

Outro fator importante na formação de leitores é desenvolver o gosto pela leitura. O leitor precisa estar motivado para ler determinado texto. Ele precisa perceber a funcionalidade da leitura assim como a sua importância tanto na vida escolar como fora da escola.

Hoje em dia, encontramos dificuldades de trabalhar as questões relacionadas à leitura na escola, pois o aluno não se sente motivado a ler e acha essa prática enfadonha. Esse aluno da atualidade já apresenta características distintas daqueles que, antigamente, realizavam as atividades determinadas sem questionamentos. Esse aluno atual cresceu tendo o computador e a net como “brinquedos”, ou seja, algo relacionado ao lazer, nesse sentido ele está mais familiarizado com o hipertexto do que com qualquer outro material de leitura, muitas vezes.

Temos o conhecimento de que nem todos os nossos alunos tem acesso ao computador em casa, como os mais carentes, mas alguns tem a sua disponibilidade o celular que também permite uma leitura hipertextual.

2 HIPERTEXTO

2.1 O QUE É HIPERTEXTO?

Originalmente a ideia de hipertexto surgiu com o matemático e físico Vannevar Bush por volta de 1945. Ele havia criado um dispositivo chamado *memex*. Esse dispositivo era uma calculadora analógica ultra-rápida. Bush já dizia que a mente humana funciona por associações (LÉVY, 1993, p. 28).

Lévy explica que o termo hipertexto foi denominado dessa forma por Theodore Nelson, no início dos anos sessenta, para caracterizar a escrita/leitura não-linear característica da área da informática. Nelson tinha em mente um projeto de criar uma imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos de mundo, visto que o sistema computacional da época ainda não tinha um banco de dados e um sistema de processamento de textos. Esse sistema se chamou *Xanadu* e ele poderia ser utilizado para escrever, se interconectar, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis na rede (1993, p. 29).

Para Pierre Lévy o hipertexto pode ser explicado de duas formas: funcional e técnica. Funcionalmente, um hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos e dados, a aquisição de informações e a comunicação. E tecnicamente:

[...] o hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada uma deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (1993, p.33).

Esses nós são ligados por fios semânticos, ou seja, ligados por significados próximos associados entre si que permitem essa facilidade na busca de determinada palavra chave.

De forma simplificada Marco Aurélio Kalinke explica a sua compreensão acerca do hipertexto. “Entendemos por hipertexto a navegação a partir de textos, imagens, vídeos e

quaisquer outros elementos que permitam acessar novas informações de forma interativa e direta” (2003, p. 43).

Leffa e Vetromille-Castro⁵ comentam que antes do advento do computador o hipertexto já existia. As características do hipertexto estavam presentes nos sumários dos livros, nas notas de rodapé que de certa forma quebravam a linearidade do texto, permitindo ao leitor traçar o caminho que ele desejava seguir. Em muitas obras literárias os autores utilizavam a técnica de iniciar a história pelo final e depois contar o início. Essas características já apontam indícios semelhantes ao hipertexto que encontramos na web.

Os autores acima citados utilizam a seguinte metáfora para explicar o hipertexto: “O hipertexto no computador é um texto ao redor do qual gravitam outros textos, como um sistema planetário onde cada planeta pudesse assumir a qualquer momento a posição central do sol, determinado pela vontade do leitor” (*idem*). Nesse sentido o leitor aparece como peça fundamental que fará a escolha pelos caminhos que deseja passar.

Araújo apresenta informações relevantes em relação ao hipertexto mostrando de que forma ele contribui para a construção do conhecimento.

O hipertexto vem auxiliar o ser humano na questão da aquisição e assimilação do conhecimento, pois tal como o cérebro humano, ele não possui uma estrutura hierárquica e linear, sua característica é a capilaridade, ou melhor, uma forma de organização em rede. Ao acessarmos um ponto determinado de um hipertexto, conseqüentemente, outros que estão interligados também são acessados, no grau de interatividade que necessitamos.⁶

Dessa forma, o hipertexto pode contribuir no desenvolvimento de áreas do conhecimento, sendo positiva sua utilização nos trabalhos pedagógicos desenvolvidos na escola. Compreendemos que cada ser humano aprende de forma diferente e nada mais interessante que ele perceba essas nuances (presentes em um determinado texto virtual) e construa a sua aprendizagem a partir da sua própria leitura realizada, com as assimilações e conclusões que ele venha abstrair da leitura que ele realizou.

⁵ LEFFA, Vilson; VETROMILLE-CASTRO, Rafael. *Texto, hipertexto e interatividade*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf> Acesso em: 23 out. 2010.

⁶ ARAÚJO, Lindomar da Silva. *INFOESCOLA - Hipertexto*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/hipertexto/>> Acesso em: 06 out. 2010.

2.2 O LEITOR DE HIPERTEXTO

Na contemporaneidade o hipertexto propicia uma nova prática de leitura oriunda do surgimento das novas tecnologias. Diferentemente do rolo da Antiguidade e do *codex*, o hipertexto apresenta características distintas e próprias e proporciona uma relação autor e texto antes não imaginado.

Leffa e Vetromille-Castro explicam essa relação. “O hipertexto caracteriza-se também por uma nova relação entre autor e leitor, com uma divisão de tarefas que privilegia o leitor; é ele que decide como deseja que as informações sejam apresentadas, desde o tamanho da letra na tela até a cor de fundo [...]”⁷. Essa relação leitor-autor se torna tão próxima mesmo estando à distância. O hipertexto permite essa interação oportunizando a participação do leitor, que antes recebia o texto pronto. Ele até poderia realizar notas no limite do texto, sublinhar alguma passagem, mas o texto continuaria intacto em relação à sua estrutura.

O conceito de hipertexto vem modificar a estrutura preestabelecida oportunizando diversas leituras do mesmo texto. O leitor traça, a partir de seu interesse, o percurso no qual ele irá direcionar a sua leitura. Dessa forma, ele iniciará a pesquisa em determinado site, se aquele conteúdo não for aquilo que ele procura ele poderá acessar tantos outros e voltar ao início, se desejar. Nessa nova perspectiva de leitura surgem as imagens e outros elementos que podem agregar informações e sentidos ao layout do texto.

Diante do exposto, relevante é o pensamento de Ingedore Koch (2002, p. 65) acerca dessa questão do papel do leitor de hipertextos. Ela explica que ao acessar os links, eles nos acabam direcionando a outros links e desta forma constitui-se uma conexão em cascata que de tão grande poderia se perder num horizonte sem fim. Nesse sentido, “[...] acessar e explorar um hipertexto não é tarefa fácil, exigindo um bom controle do hiperleitor na construção de uma continuidade de sentido” (2002, p. 65).

A construção de uma sequência lógica que tenha sentido é um desafio para o leitor de hipertextos. Ele precisa organizar as informações apresentadas e construir, de modo autônomo, o seu texto que será o resultado da sua pesquisa.

Comparando o leitor de hipertexto ao leitor de impresso Lévy (2000, p. 40) explica que “[...] o leitor em tela é mais ‘ativo’ que o leitor em papel: ler em tela é, antes mesmo de

⁷ LEFFA, Vilson; VETROMILLE-CASTRO, Rafael. *Texto, hipertexto e interatividade*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf> Acesso em: 23 out. 2010.

interpretar, enviar um comando a um computador para que projete esta ou aquela realização parcial do texto sobre uma pequena superfície luminosa”. Esses comandos implicam em escolhas que o leitor realizará no momento da pesquisa. Compreendemos dessa forma que, muito antes de iniciarmos a ler e compreender o sentido do texto, já fazemos escolhas que muitas vezes nem ao menos percebemos. Isso se dá em fração de segundos.

Ao acessar uma página da web, o usuário é responsável pelo direcionamento da sua leitura fazendo diversas opções. Cada página oferece uma série de links que direcionam o leitor a outras páginas e permitem também voltar à página inicial assim que desejar. Isso faz com que o leitor decida e construa o seu percurso de leitura a partir dos seus interesses e necessidades.

A autonomia é muito explorada nessa modalidade de leitura. É o leitor por si só que deverá fazer essas escolhas, que ninguém fará por ele. Nessa dinâmica o leitor se questiona a todo o momento, pois a leitura no ambiente virtual convoca o leitor constantemente a uma tomada de decisão. Essa tarefa exige autonomia para alcançar o sucesso na pesquisa.

Essa vivência se torna algo muito importante para que o aluno se motive a buscar o conhecimento por si próprio e demonstre mais atitude frente às suas tarefas de aluno. Essa experiência ele levará para vida e será útil nas suas atividades diárias nas quais terá que realizar escolhas de forma reflexiva.

Fernanda Galli, em seu artigo intitulado “Linguagem da Internet: um meio de comunicação global”, explica uma definição de Pierre Lévy sobre a leitura de textos digitais.

Para Lévy, um texto digitalizado permite novos tipos de leitura: uns textos se conectam a outros por meio de ligações hipertextuais, possibilitando o exame rápido de conteúdo, acesso não linear e seletivo do texto, segmentação do saber em módulos, conexões múltiplas, processo bem diferente da leitura em papel impresso. O autor chama este processo de *continuum* variado, que se desenrola entre a leitura individual de um determinado texto e a navegação em vastas redes digitais, que pode ser realizada por um grande número de pessoas.⁸

Segundo Ingedore Koch, o leitor do hipertexto tem a possibilidade de optar entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e de aprofundamento de um tema (2002, p. 63). Nesse sentido, o leitor encontrará na web uma infinidade de informações disponíveis e a ele caberá balizar esses conteúdos abstraindo aquilo que lhe é necessário.

⁸ GALLI, Fernanda. *Linguagem da Internet: um meio de comunicação global*. Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehte/artigos/LINGUAGEM%20DA%20INTERNET-um%20meio.pdf>. >. Acesso em: 22 out. 2010.

As *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* mencionam a questão do aluno leitor no que tange o desenvolvimento de habilidades de leitura no ambiente virtual e destaca que: “A leitura de hipertextos desafia as noções anteriores de escrita e leitura, no sentido de que, se o texto ‘lido’ no fim das contas resultou da escolha do leitor de páginas díspares entre si, então, de certa forma, o leitor adquire o papel de ‘autor’ do texto lido” (p. 106)⁹.

Pierre Lévy (1993, p. 23) traz uma explicação que se assemelha a aquela encontrada nas *Orientações Curriculares* no que diz respeito à função de co-autor desempenhada pelo leitor de hipertexto. “A tela informática é uma nova ‘máquina de ler’, o lugar onde uma reserva de informações possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular”.

David Reinking citado por Álvarez faz um paralelo entre a leitura em material impresso e a leitura no virtual e explica que:

A concepção que temos da leitura e da escrita está subordinada à natureza física e visual do meio em que elas se desenvolvem. Para nossa cultura, o espaço natural do texto escrito é a página impressa; nela, a escrita é estável e controlada, de modo exclusivo pelo autor. Em compensação, o espaço oferecido pelo livro eletrônico é mais fluido e dinâmico, permite uma maior transitoriedade e mutabilidade ao texto, reduz a distância que separa o escritor do leitor e possibilita a sua interação (ÁLVAREZ, 2001, p. 166).

No virtual a dinâmica em que se dá a interação contribui na construção de habilidades de leitura pelo fato de permitir ao leitor a sua interação ativa com o texto, reduzindo a distância imposta pela máquina.

Pensando no fato de que o hipertexto é um agrupamento de textos que não tem início, nem meio e nem fim, ao leitor caberá decidir por onde ele quer iniciar e onde ele quer parar. Ainda que realizando uma mesma pesquisa em dois momentos diferentes, pela mesma pessoa, o texto construído não será igual. A particularidade de cada texto se dá ao fato da grande teia de links e textos que encontramos no ambiente virtual. São tantas as opções e caminhos a seguir que as escolhas também se tornam múltiplas.

É isso que fascina no hipertexto essa característica do leitor poder imprimir suas próprias marcas no texto, e interagir com qualquer tipo de material. O hipertexto está sempre em constante mutação, sendo flexível e permitindo inúmeras intervenções.

⁹ ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO. Linguagens, Códigos e suas tecnologias. (Capítulo 3). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 18 out. 2010.

Seguindo essa linha de raciocínio, Xavier (2004) acredita que a leitura do hipertexto potencializa uma “emancipação do leitor”. Isso se dá ao fato de que o leitor de hipertexto precisa ter autonomia suficiente para focar o seu objetivo e seguir fiel aos seus propósitos, construindo uma teia de sentidos entrelaçados pelas mais diversas informações que encontrar pelo caminho. Esse treinamento só tem a contribuir na formação do leitor, pois ele terá que trilhar esse caminho sozinho e o resultado dependerá de suas escolhas.

Leffa e Vetromille-Castro¹⁰ explicam que “[...] o hipertexto é associado ao leitor, que o constrói a partir de elementos fornecidos por um ou mais autores”. É o leitor que será encarregado de construir o seu texto a partir das inúmeras informações que lhe serão apresentadas.

Xavier (2004, p. 125) apresenta outra característica da leitura hipertextual: “O hipertexto permite todas as dobras inimagináveis, ou seja, há um movimento constante de dobramento e desdobramento de um texto e/ou das informações. É aqui que se instalam as diferenças entre a interface da escrita (papel) e a interface virtual”. Já um texto impresso não oferece toda essas potencialidades ele é mais limitado e não apresenta tantos recursos de informações como o hipertexto.

Uma das preocupações que cercam os professores que desejam realizar pesquisas na internet com seus alunos é a questão da infinidade de caminhos que ele poderá seguir, a dificuldade que ele encontrará para construir um texto/pesquisa que tenha sentido para ele e que o auxilie no cumprimento de suas tarefas escolares. Isso é mais comum quando pensamos em leitores em formação, aqueles que ainda não construíram a autonomia necessária para se guiar na internet.

Em relação a essa preocupação, Lévy (1993, p. 37) explica que o leitor pode se perder com mais facilidade em um hipertexto do que em uma enciclopédia. Isso se dá ao fato da velocidade com a qual realizamos uma pesquisa na internet. Com apenas um clique passamos de um nó para o outro, em menos de um segundo. Para resolver essa dificuldade acreditamos que desde cedo o aluno precisa ter contato com essa nova modalidade textual explorando as suas potencialidades e os seus usos, para que assim, aos poucos, ele crie mais autonomia nas buscas que deverá realizar posteriormente.

¹⁰ LEFFA, Vilson; VETROMILLE-CASTRO, Rafael. *Texto, hipertexto e interatividade*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf> Acesso em: 23 out. 2010.

O autor acrescenta que nessa nova modalidade de leitura a produção final do leitor fica estruturada com vários remendos. O leitor precisa de alguma forma minimizar esses remendos e fazer com que haja ligações mais sutis entre um fragmento e outro.

Leffa e Vetromille-Castro explicam essa problemática.

Se o leitor for hipertextualmente competente, a costura entre os textos será tão bem feita que as emendas desaparecerão. Na cabeça do leitor hipertextual, todos os fragmentos de textos formarão um único texto numa leitura também única, impossível de ser repetida. A leitura terá início, meio e fim, mas sob o comando do leitor, a partir dos textos que reunir na tela do monitor.¹¹

Esse leitor citado acima só poderá ser hipertextualmente competente se ele for proficiente na leitura de textos da web e isso demanda autonomia e foco no objetivo da pesquisa. Posso citar um exemplo a partir da minha realidade de trabalho. Muitos dos alunos que estão no final do Ensino Fundamental e frequentam as escolas públicas apresentam habilidades surpreendentes no uso da web, mesmo não apresentando proficiência na leitura de outros gêneros textuais.

No espaço da sala de aula encontramos situações de leitura que nos fazem refletir. Quando um professor pede um resumo de um capítulo de um livro, uma ficha de leitura ou um trabalho com base num texto estudado, os alunos, geralmente, sentem dificuldade de realizar a tarefa da maneira que o professor determina e realizam uma atividade superficial. Quando realizamos a leitura avaliativa desses trabalhos verificamos que os alunos não abstraíram o sentido do texto, ou seja, não chegaram à compreensão.

O uso do computador pode auxiliar no desenvolvimento dessas atividades pelo fato dos alunos se sentirem mais motivados a realizar a tarefa e alguns conseguem realizar uma pesquisa e abstrair uma boa compreensão acerca do conteúdo lido. Retomando o que foi discutido, o objetivo neste espaço também precisa ser claro e coerente para que os alunos consigam se orientar.

Ao determinar uma pesquisa na web os alunos proficientes na leitura de textos da web conseguem se organizar bem e se ater ao objetivo do trabalho, mas isso, nem sempre acontece em um trabalho que eles precisam ler determinado texto impresso e extrair o sentido através de uma atividade de interpretação. Percebemos que, nos trabalhos de informática, eles estão

¹¹ LEFFA, Vilson; VETROMILLE-CASTRO, Rafael. *Texto, hipertexto e interatividade*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf> Acesso em: 23 out. 2010.

muito mais ligados e atentos nas informações disponibilizadas, mesmo no virtual encontrando mais fontes de pesquisa.

Por outro lado, também encontramos alguns problemas no trabalho em ambientes virtuais no que diz respeito à dificuldade do aluno se orientar nesse mar de informações que é a web. O leitor em formação muitas vezes acaba perdendo o foco devido a outros atrativos que ele encontra pelo caminho.

Em relação a essa dificuldade Koch (2002, p. 69) nos auxilia com uma definição bem simples:

Do ponto de vista da leitura, perceber o que é relevante vai depender em muito da habilidade do hiperleitor não só de seguir as pistas que lhe são oferecidas, como de saber até onde ir e onde parar. Além disso, cumpre-lhe ter sempre em mente o tópico, o objetivo da leitura e o ‘problema’ a ser resolvido, ou seja, buscar no hipertexto as informações, as opiniões, os argumentos relevantes para a sua mais adequada solução.

A partir do momento que a tarefa for clara e objetiva o aluno encontrará mais facilidade.

Lúcia Santaella em seu livro “Navegar pelo ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor imersivo”, apresenta a dinâmica de leitura no ambiente virtual que percorre o caminho das infovias, designado por ela dessa forma pelo fato dos hipertextos se ligarem a outros textos por vias de informações.

Conectando na tela, por meio de movimentos e comandos de um *mouse*, os nexos eletrônicos dessas infovias, o leitor vai unindo, de modo a-sequencial, fragmentos de informação de naturezas diversas, criando e experimentando, na sua interação com o potencial dialógico da hipermídia, um tipo de comunicação multilinear e labiríntica. Por meio de saltos receptivos, esse leitor é livre para estabelecer sozinho a ordem textual ou para se perder na desordem dos fragmentos, pois no lugar de um volume encadernado com páginas em que as frases e/ou imagens se apresentam em uma ordenação sintático-textual previamente prescrita, surge uma ordenação associativa que só pode ser estabelecida no e mediante o ato de leitura (SANTAELLA, 2004, Contracapa).

A autora explica que os hipertextos se assemelham a labirintos que apresentam vários caminhos possíveis. Alguns deles nos levarão a saída, mas não todos. Quando adentramos um labirinto o caminho somos nós que escolhemos, podemos seguir por um lado, ou outro e podemos voltar quando quisermos. Assim as redes hipertextuais se organizam.

Sírio Possenti apresenta informações relevantes em relação à leitura de hipertexto, contribuindo para as reflexões do leitor.

No hipertexto, esse cruzamento de textos não acontece somente na mente do leitor, mas na própria tela do computador, que oculta atrás de si inúmeras outras telas que a qualquer momento podem ser trazidas para a frente. É um cruzamento tão intenso que a ideia do livro pré-montado, com começo, meio e fim, tende a desaparecer. Na Internet, não se termina um livro; o que se faz é interromper a leitura quando se está satisfeito com o que se procura, ou não se tem mais tempo para continuar. O texto, em si, é inesgotável; o que se esgota é a capacidade humana de continuar a leitura.¹²

A dinâmica em que se dá a leitura de hipertexto oportuniza uma organização mental por parte do leitor neste cruzamento de informações. Uma das grandes potencialidades desse recurso é o fato de que as informações apresentadas por ele são inesgotáveis, isso quer dizer que o leitor poderá determinar a profundidade da sua pesquisa de acordo com as suas necessidades. É ele quem vai decidir o momento de encerrar a busca.

Sírio Possenti contribui com a explicação descrita acima e fazendo uma caracterização do leitor de hipertexto para compreendermos melhor como se dá a dinâmica da leitura na web.

O leitor do hipertexto, tal qual emerge dos textos que tratam dele, lembra menos o leitor de textos e mais o cidadão que está bisbilhotando numa livraria, que analisa livros, que se encanta aqui com uma figura na capa e ali com o acabamento do livro, depois vai à estante de sua preferência e começa a ler orelhas e a verificar preços para, em seguida, lamentar seus baixos rendimentos e o pouco tempo de que dispõe.¹³

A citação acima explica muito bem as características do leitor de hipertexto. Primeiramente ele realiza uma leitura panorâmica e mais superficial do texto para ter uma ideia geral do que ele trata, como um leitor bisbilhoteiro. A partir do momento em que o leitor encontrar no texto algum indício que indica o caminho que ele deseja seguir, através daquilo que achar relevante, ele fará uma leitura mais detalhada e minuciosa. Dessa maneira ele não perderá tempo com aquilo que não é relevante e pode, através dessa estratégia, guiar a sua busca de forma mais direta em busca do sucesso da pesquisa.

Seguindo essa discussão cabe ressaltar que este leitor de hipertexto é chamado de hiperleitor, justamente por ser um leitor específico das leituras em ambientes virtuais. Lúcia Santaella caracteriza o hiperleitor como leitor-imersivo, ou seja, “aquele que navega através de dados informacionais híbridos - sonoros, visuais e textuais - que são próprios da hipermídia” (2004, p. 47). Nesse sentido, imersão não se refere à profundidade, mas sim a

¹² POSSENTI, Sírio. *Notas um pouco céticas sobre hipertexto e produção de sentido*. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2098/1750>>. Acesso em: 27 out. 2010.

¹³ *Idem.*

navegação. O leitor que está imerso no mar de hipertextos navega entre as páginas através dos links que estão a sua disposição.

Em relação ao termo “navegação”, muito utilizado na internet, Leffa e Vetromille Castro explicam a diferença entre ler e navegar. “Ler é diferente de navegar. Navegar é procurar o objetivo: ler é a parada que se faz no porto quando se encontra o objetivo”¹⁴. Quando procuramos alguma coisa na internet dizemos que estamos navegando pelas páginas e links disponíveis, nesse momento podemos até realizar um tipo de leitura mais superficial para identificar se determinado material é adequado ou não em relação aos nossos interesses.

Araújo explica que na internet encontramos o chamado efeito hipertextual. Ao navegar pela internet vamos encontrando endereços de sites, palavras sublinhadas, ícones piscando, e muitos outros atrativos que nos levam a clicar com o mouse e abrir diversas janelas. Encontramos também documentos de textos no qual se inserem palavras chaves que nos levam a outros textos. “O hipertexto permite ao leitor decidir o rumo a seguir na sua viagem pela leitura, tornando o tempo e o espaço, em relação à construção textual, flexível”.¹⁵

O autor, acima citado, elucida o fato de o hipertexto ter surgido na área da informática pela necessidade de tornar o computador cada vez mais interativo. Mas, segundo ele, o hipertexto não precisa ser interativo e sim “explorativo”.

Sabemos que a interatividade é algo fundamental do computador, o que explica a grande quantidade de usuários. Com razão, o ambiente virtual precisa, antes de mais nada, ser explorativo e instigar os usuários a buscar e explorar esse ambiente. Cabe ressaltar que a interatividade é um fator primordial para a dinâmica entre usuário e máquina, sendo dessa forma, indispensável.

¹⁴ LEFFA, Vilson; VETROMILLE-CASTRO, Rafael. *Texto, hipertexto e interatividade*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf> Acesso em: 23 out. 2010.

¹⁵ ARAÚJO, Lindomar da Silva. *INFOESCOLA - Hipertexto*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/hipertexto/>> Acesso em: 06 set. 2010

3 A LEITURA NO ESPAÇO PEDAGÓGICO

3.1 CONTEXTO ATUAL DA LEITURA NA ESCOLA

A escola tem um papel primordial na formação dos leitores. As habilidades de leitura precisam ser desenvolvidas na escola fazendo com que o aluno tenha condições de ler e interpretar qualquer tipo de texto que faça parte do seu universo.

Ângela Kleinman (1992, p. 35) salienta que:

[...] a leitura que não surge de uma necessidade para chegar a um propósito não é propriamente leitura; quando lemos porque outra pessoa nos manda ler, como acontece frequentemente na escola, estamos apenas exercendo atividades mecânicas que pouco tem a ver com significado e sentido.

Esse deveria ser o objetivo da escola em relação à formação de leitores. Como professora sei que muitas vezes os alunos não estão preparados para realizar determinada leitura, pois ainda não desenvolveram as habilidades cognitivas necessárias para a compreensão. Para isso há todo um trabalho prévio que pode ser realizado tendo em vista a formação do leitor.

Para Kleiman (1992, p.30) a atividade de leitura realizada na escola atual tem dois objetivos: abstrair informações do texto, servindo também como pretexto para realizar cópias, resumos, responder questionários e para o ensino da língua no sentido de trabalhar a gramática. A autora acrescenta que fora da escola o aluno é capaz de planejar as ações que levarão ao seu objetivo, como elogiar alguém para conseguir algo.

A leitura precisa ser explorada tendo em vista a compreensão do texto, ou seja, o aluno precisa ser levado a compreender aquilo que lê. Este é um dos principais objetivos que o trabalho de leitura deveria focar.

É com frequência que os alunos, após receberem uma atividade, questionam o professor a respeito do que precisa ser feito, mesmo após terem lido as instruções. Eles

sentem muita dificuldade de abstrair as informações principais e de compreender enunciados de atividades.

Nesse sentido, a autora coloca que “[...] quando se trata de leitura, de interação a distância mediante o texto, a maioria das vezes esse estudante começa a ler sem ter ideia de onde chegar, e, portanto, a questão de como irá chegar lá, (isto é, das estratégias de leitura) nem sequer se põe” (*ibid*).

Ademais podemos compreender que a atividade de leitura, na escola, precisa ser conduzida com objetivos claros de acordo com o tipo de texto que se esteja trabalhando. Cada gênero textual é diferente, possui características distintas e demanda uma determinada maneira de ler.

O ensino de habilidades linguísticas, como a leitura, deveriam ter prioridade na escola, por perpassarem por todas as disciplinas do currículo. Sabemos da fundamental importância da leitura na formação do sujeito, mas a mesma precisa ser trabalhada com dedicação e seriedade.

[...] o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento de mundo e seu conhecimento do texto para uma interpretação sobre aquele. Do ponto de vista do ensino, as propostas baseadas nesta perspectiva ressaltam a necessidade de que os alunos aprendam a processar o texto e seus diferentes elementos, assim como as estratégias que tornarão possível sua compreensão (SOLE, 1998, p. 24).

Isabel Solé (1998, p. 46) apresenta algumas contribuições do ato de ler: “Quando a leitura envolve a compreensão, ler torna-se um instrumento útil para aprender significativamente”. A leitura oportuniza inúmeras aprendizagens, mas ela precisa ser significada, ou seja, fazer parte das atividades escolares com objetivos coerentes que buscam a formação do leitor.

A autora acrescenta que:

[...] quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos [...]. A leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas leituras e, neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura do próprio leitor. Talvez pudéssemos dizer que na leitura ocorre um processo de aprendizagem não-intencional, mesmo quando os objetivos do leitor possuem outras características, como no caso de ler por prazer (SOLE, 1998, p. 46).

Após essa definição compreendemos que a leitura é uma atividade completa e necessária para a aprendizagem. Ao realizar uma atividade de leitura o aluno é instigado a fazer inferências no texto que são construídas a partir dos seus conhecimentos e das reflexões realizadas.

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda o texto e que pode ir construindo uma ideia sobre seu conteúdo, extraindo dele o que lhe interessa, em função dos seus objetivos. Isto só pode ser feito mediante uma leitura individual, precisa, que permita o avanço e o retrocesso, que permita parar, pensar, recapitular, relacionar a informação com o conhecimento prévio, formular perguntas, decidir o que é importante e o que é secundário. É um processo que precisa ser ensinado (SOLÉ, 1998, p. 31, 32).

A autora complementa que uma das principais funções do ensino da leitura é levar o aluno a utilizar a leitura com a finalidade de obter informações e contribuir na aprendizagem. (*ibid*, p. 34). Assim sendo, a escola tem o dever de ensinar estratégias que facilitam a compreensão leitora, oportunizando aos alunos subsídios para se tornarem leitores proficientes.

3.2 CONTRIBUIÇÕES DAS LEITURAS DE HIPERTEXTO NA FORMAÇÃO DE LEITORES

A formação de leitores nas escolas tem sido, e ainda é um desafio muito grande para os educadores. Um dos principais dilemas é a falta de interesse dos alunos pela leitura. Isso nos leva a vários questionamentos. Primeiramente temos que pensar no aluno da atualidade. Ele vive no momento em que a maioria das tecnologias que interagimos passaram a fazer parte das nossas vidas e dessa forma, já estão presentes no seu universo desde a concepção.

Sabemos que muitas crianças em idade escolar, quando não estão na escola, estão em frente à televisão ou em frente ao computador. Com esses dados compreendemos os reais interesses dos nossos alunos que optam por atividades ligadas ao entretenimento digital. Nesse sentido, o planejamento das aulas precisa levar em consideração os interesses dos alunos, ao mesmo tempo buscando fazer com que se interessem mais pelas atividades educativas desenvolvidas pela escola.

Já dizia um sábio educador que a escola precisa acompanhar os avanços tecnológicos que ocorrem na sociedade, senão daqui a alguns anos ela será irreconhecível para os alunos.

Dessa forma, nada mais interessante do que propor atividades que possam ser realizadas através do computador conectado a web, com o objetivo de aprimorar a leitura, nessa nova ferramenta tão apreciada pelos alunos. Há diversas possibilidades de trabalho com hipertexto e acreditamos que ele pode contribuir na formação de um leitor autônomo e reflexivo, pelas potencialidades que oferece.

Xavier e Marchuschi explicam o fato do computador ser um potencializador de novos conhecimentos: “[...] parte do sucesso da nova tecnologia deve-se ao fato de reunir num só meio várias formas de expressão, tais como, texto, som e imagem, o que lhe dá maleabilidade para a incorporação simultânea de múltiplas semioses, interferindo na natureza dos recursos linguísticos utilizados” (2004, p. 13).

Quando navegamos pela web percebemos que o tempo passa muito rapidamente, isso se dá ao fato dessa ferramenta ter a capacidade de prender o usuário nas suas páginas com diversas atividades. Podemos realizar pesquisas, entrar em sala de bate-papos, jogar jogos, enviar e-mails, fazer compras, escutar músicas, ler o jornal e ficar por dentro das mais diversas novidades.

Para os adultos é uma ferramenta indispensável para as atividades diárias e as crianças também estão criando esse hábito. Nesse sentido percebemos que elas estão tão inseridas nesse contexto virtual atrativo e que a escola deveria utilizar essa ferramenta como auxiliar na questão do ensino, unindo o útil ao agradável.

O computador, e mais especificamente a internet, são recursos fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem e o aperfeiçoamento das habilidades de leitura. Os profissionais que utilizam essa ferramenta, na sua prática pedagógica, devem levar em consideração alguns aspectos fundamentais que precisam ser observados, para que este momento de aprendizagem tenha significação.

Queremos discutir neste espaço o papel do aluno leitor frente às leituras encontradas nos ambientes virtuais. Uma experiência pessoal com trabalhos realizados nas aulas de informática demonstrou que mesmo os alunos sabendo manejar o computador eles sentem dificuldades de realizar uma pesquisa na web pelo fato de não estarem preparados para lidar com a grande quantidade de informações e por se mostrarem atraídos por jogos e outros tantos aplicativos de seu interesse. Nesses espaços cabe ao professor guiar o aluno até que ele tenha autonomia para se guiar sozinho, nas situações em que ele ainda apresenta características de um leitor em formação que não possui as habilidades necessárias para a prática de leitura em ambientes virtuais.

Uma forma de se fazer isso é planejar previamente as atividades e verificar, por exemplo, quais são os melhores sites para determinar algum trabalho. Assim, o professor saberá os conteúdos que cada página selecionada apresenta e o aluno se sentirá mais seguro e confiante. Isso precisa ser realizado até o momento que o aluno adquiriu autonomia e tem a capacidade de se guiar sozinho. Não podemos esquecer que o fato do aluno estar alfabetizado não quer dizer que ele tenha condições de realizar uma determinada leitura sem dificuldades. Ele precisa construir o seu perfil de leitor, criando estratégias cognitivas que o levem a essa construção.

Outrossim, cabe ressaltar que o leitor disperso frente ao hipertexto nada mais é que um leitor em formação que ainda não tem familiaridade com esse sistema. Um leitor que ainda precisa desenvolver habilidades que o levem a realizar uma leitura bem sucedida na web.

Outro aspecto relevante a ser considerado é em relação à leitura realizada tanto no impresso como no virtual. Muitos alunos não se sentem motivados a ler um livro impresso, mas realizam leituras e pesquisas no ambiente virtual com muita disposição. Acreditamos que isso se dá ao fato de que esse recurso tecnológico atrai e entretém o aluno por apresentar uma característica de interatividade e estar associado ao desafio, ao novo, que as crianças e adolescentes tanto gostam.

O aluno atraído pela web, pelo mundo digital, se aventura pelo hipertexto, pois ele abre espaço para a livre investigação, comunicação, entretenimento, tudo num lugar só. Isso faz com que esse recurso seja visto como algo interessante e prazeroso. São tantos links que direcionam eles a outros espaços virtuais, guiado pela vontade de investigar e de descobrir coisas novas.

Isso é um dado que pode ser utilizado a favor do uso da web nas práticas escolares, visualizando assim, as potencialidades do hipertexto. Kalinke acrescenta uma vantagem do uso do hipertexto no espaço pedagógico explicando que “Utilizando os hipertextos, cada aluno pode seguir por caminhos diferentes dentro de um mesmo assunto, chegando a resultados semelhantes, mas de forma individualizada, que respeite as suas particularidade e especificidades” (2003, p. 43).

Dessa forma, a aprendizagem se centra no aluno e na investigação, valorizando o singular, ou seja, a maneira que cada aluno aprende. Isso precisa ser levado em consideração, ao aluno precisa ser oportunizado um ambiente em que ele possa demonstrar seu potencial e suas habilidades. Muitas vezes na escola acreditamos que todos aprendem da mesma forma, mas essa concepção precisa mudar, pois cada indivíduo é único e tem suas particularidades.

Alguns alunos aprendem melhor pela percepção visual, outros pelas explicações orais, outros precisam ler e reler o conteúdo várias vezes e assim por diante.

O hipertexto, nesse sentido, pode contribuir na formação de leitores pelos seguintes aspectos apontados por Lévy:

A memória humana é estruturada de tal forma que nós compreendemos e retemos bem melhor tudo aquilo que esteja organizado de acordo com relações espaciais. Lembremos que o domínio de uma área qualquer do saber implica, quase sempre, a posse de uma rica representação esquemática. Os hipertextos podem propor vias de acesso e instrumentos de orientação em um domínio do conhecimento sob a forma de diagramas, de redes ou de mapas conceituais manipuláveis e dinâmicos. Em um contexto de formação, os hipertextos deveriam portanto favorecer, de várias maneiras, um domínio mais rápido e mais fácil da matéria do que através do audiovisual clássico ou do suporte impresso habitual (1993, p. 40).

Nessa dinâmica é que se dá a aprendizagem. A organização estrutural do hipertexto se assemelha a organização da memória humana. Essa característica contribui em uma aprendizagem mais significativa pelo fato dos dois se organizarem da mesma forma. O hipertexto oportuniza um sistema mais adequado à construção do conhecimento através de diversos recursos integrado de fácil acesso e à distância de um clique.

Lévy enfatiza os benefícios do uso do hipertexto na educação e salienta que ele proporciona a participação do aluno na construção do seu conhecimento.

O hipertexto ou a hipermídia interativa adéquam-se particularmente aos usos educativos. É bem conhecido o papel fundamental do envolvimento pessoal do aluno no processo de aprendizagem. Quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mas ela irá integrar e reter aquilo que aprender (LÉVY, 1993, p. 40).

Isso se explica pelo fato do hipertexto permitir um envolvimento maior do usuário e por percebermos previamente que a web é um espaço atrativo que instiga o aluno a ir em busca de conhecimento, principalmente quando bem orientado pelo professor. E nada mais interessante do que unir a atração do leitor pela web e as atividades que precisam ser desenvolvidas pela escola, unir os dois e concretizar uma prática eficiente. As atividades escolares precisam despertar o interesse do aluno, ele precisa se sentir motivado a buscar. Dessa forma, acreditamos que o trabalho com hipertextos pode sim contribuir na formação de um leitor autônomo e reflexivo.

Sérgio Roberto Costa em seu texto intitulado “Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares” explica que “[...] o hipertexto permite

relações associativas, num espaço não orientado, elas oferecem ao leitor a descoberta livre e imaginativa de uma relação e a criação de uma associação, desde que ele possa negligenciar toda e qualquer proposição que não lhe convenha e retomar o seu percurso anterior” (2006, p. 41).

A capacidade de relacionar informações na realização de uma determinada leitura é uma habilidade que precisa ser construída. A descoberta livre e imaginativa não engessa o leitor, mas sim permite subsídios para que ele tenha capacidade de se aperfeiçoar e se tornar um leitor autônomo de ambientes virtuais.

Outra característica importante é que o hipertexto permite um trabalho interdisciplinar pelo fato de agregar noções de hipermídia, como informações visuais e sonoras. Costa explica que o hipertexto “[...] tem um forte caráter indisciplinar: quebra as fronteiras entre as áreas do conhecimento e os meios de transmiti-las, além de oferecer graus diferenciados e simultâneos de profundidade temática” (2006, p. 40).

A profundidade temática que encontramos no hipertexto oportuniza um trabalho educativo com alunos das mais diversas faixas etárias proporcionando uma profundidade temática para cada nível, de acordo com aquilo que é adequado e oportuno. Sendo assim, por exemplo, uma turma de alunos da 4ª série do Ensino Fundamental poderá fazer uma pesquisa sobre animais e os alunos de uma 8ª série também, mas cada qual fará em um nível diferente.

Muitas escolas já realizam trabalhos interdisciplinares pelo fato dos conteúdos escolares terem uma relação entre si. E esse trabalho só tem a contribuir ao aluno, pois esse não receberá tudo fragmentado, ele terá oportunidade de relacionar informações e se questionar frente a essas relações estabelecidas.

As ideias de Lévy se aproximam às de Costa. Na compreensão de Lévy a ferramenta favorece uma atitude exploratória, ou mesmo lúdica, face ao material a ser assimilado. É, portanto, um instrumento bem adaptado a uma pedagogia ativa (1993, p. 40).

Assim, podemos dizer que a aprendizagem acontece de forma acidental, pois ao interagir com essa ferramenta o leitor de hipertexto adentra um campo que apresenta infinitas aprendizagens e participa ativamente de um processo de busca de conhecimento através da busca investigativa.

Álvarez lista uma série de questões relevantes em relação ao trabalho de leitura de hipertextos:

O texto eletrônico em formato hipertextual e multimídia oferece um novo meio de leitura e de escrita, em que o usuário pode:

- Interagir de maneira mais dinâmica com a informação.
- Buscar e explorar significados com maior facilidade e eficiência.
- Enfrentar o texto desde suas múltiplas necessidades e expectativas.
- Escolher entre múltiplas trajetórias e esquemas possíveis de leitura.
- Experimentar o texto como parte de uma rede de conexões navegáveis que oferecem acesso fácil e rápido a outra informação necessária para a compreensão (ÁLVAREZ, 2001, p. 166).

Os benefícios do hipertexto revelam a sua capacidade de agregar várias questões que são fundamentais para a construção do conhecimento. O hipertexto oportuniza caminhos pelos quais o leitor encontrará meios de seguir seu trajeto de leitura buscando e explorando significados de forma dinâmica, prática e agradável.

O leitor de hipertexto além de encontrar os benefícios descritos acima ainda tem ao seu alcance uma grande praticidade na utilização das ferramentas que irão contribuir para a produção de sentido.

Quando o leitor lê determinado texto na web ele pode acessar um dicionário *on line*, um tradutor, pode pesquisar em um mapa onde fica determinado lugar, pode verificar momentaneamente quem é determinada pessoa mencionada pelo texto e assim por diante. Esses recursos auxiliam na elaboração do sentido do texto. Sendo assim, o hipertexto pode ser uma ferramenta completa e eficiente.

Álvarez menciona o fato de que o raciocínio humano se dá de forma semelhante às redes associativas do hipertexto.

A capacidade interativa e multissensorial oferecida pela multimídia permite dar à informação e a outros materiais de aprendizagem uma estrutura e organização semelhante às adotadas pela mente humana quando se pensa ou se raciocina. Um dos atributos cognitivos mais formidáveis do homem é sua capacidade de associação: uma ideia remete a outras com as que tem alguma relação. As noções de hipertexto e hipermídia ilustram a capacidade oferecida pela tecnologia multimídia para apoiar a construção dessas redes de conceitos relacionados, o que abre novos horizontes de compreensão e de conhecimento (ÁLVAREZ, 2001, p. 166).

Na oralidade, quando conversamos com alguém, vamos construindo uma hierarquia semelhante à ideia de hipertexto. Iniciamos em um assunto, que nos remete a outro e depois outro e no final da conversa estamos falando de algo totalmente distante do tópico que deu início à interação comunicativa, ou seja, um assunto levou a outro. Comprendemos assim, que, a todo o momento, tanto na oralidade como na escrita e na leitura fazemos associações que nos permitem relacionar informações e fazer inferências utilizando os conhecimentos e as vivências que adquirimos ao longo da vida.

CONCLUINDO

Ao final desse percurso consideramos relevante englobar os conceitos e novos conhecimentos adquiridos ao longo do trabalho, em relação ao hipertexto e sintetizar os mesmos em um esquema organizacional.

O esquema abaixo elucida a dinâmica da leitura de hipertexto e os diversos aspectos que contribuem na formação do leitor hipertextual.

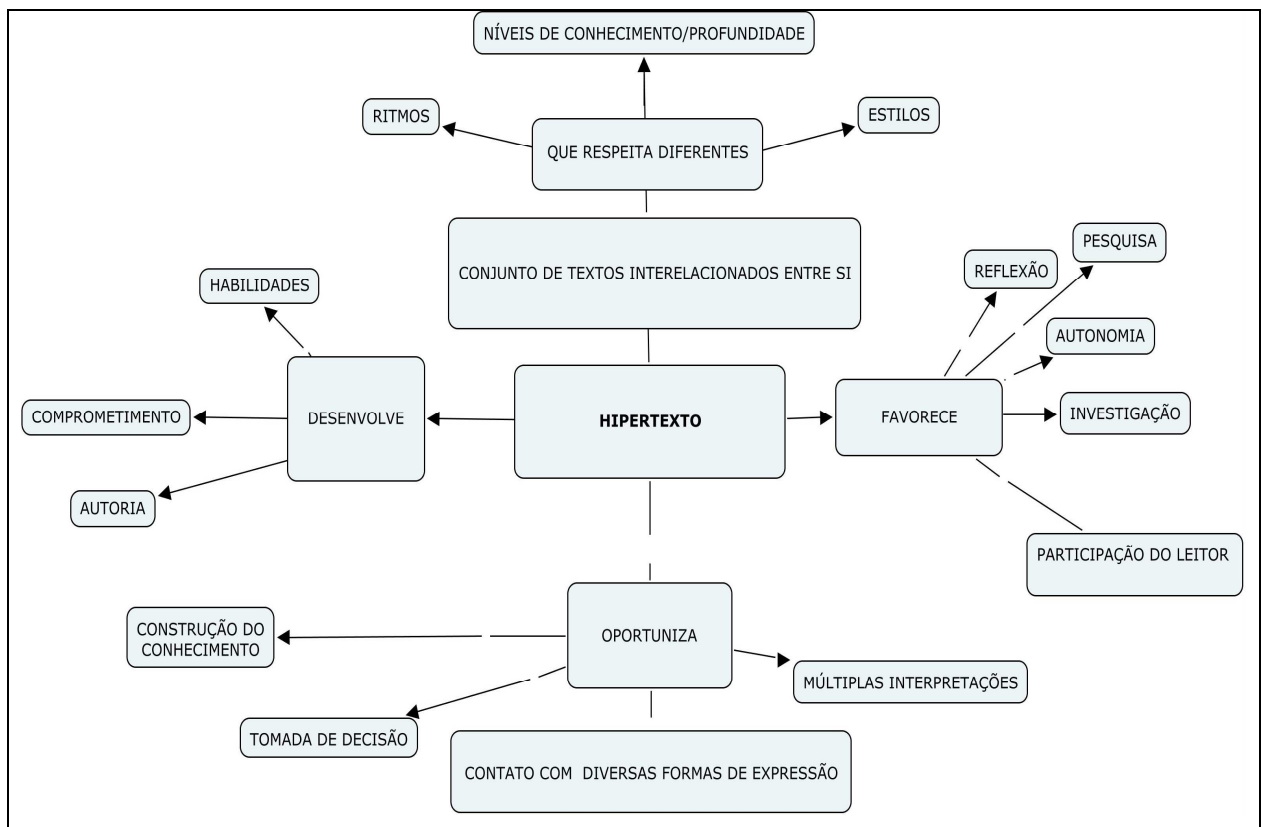


Figura 1- Esquema organizacional com conceitos sobre hipertexto.

A figura acima apresenta um esquema organizacional apresentando as relações possíveis decorrentes do hipertexto. No âmbito educacional podemos associá-lo a várias habilidades que a escola precisa desenvolver.

O hipertexto, por ser uma ferramenta dinâmica, apresenta uma nova forma de comunicação, oportunizando um contato maior com inúmeras informações que podem ser interpretadas de diversas maneiras pelos seus usuários. Ela permite a integração entre os conhecimentos prévios do aluno e aqueles aos quais ela irá apresentar, assim como a construção de novos conhecimentos.

Os benefícios adquiridos só têm a contribuir na formação do aluno como a organização, o questionamento e a reflexão frente às informações encontradas, a organização do texto que o sujeito irá construir a partir da leitura de vários textos, o raciocínio lógico, a iniciativa de tomada de decisão que irá guiar o leitor de um site a outro... Enfim, podemos concluir que o hipertexto é uma ferramenta completa por agregar e oportunizar muitas aprendizagens, quando utilizado sob determinados critérios de navegação que auxiliam o usuário a não perder-se na grande rede de informações disponíveis.

CONCLUSÃO

Procuramos averiguar, ao longo desse trabalho, as contribuições das práticas de leitura em ambientes hipertextuais para a formação de leitores. Inicialmente verificamos que, desde os primórdios, as práticas de leitura sofreram modificações na forma de ler e no formato do suporte de leitura. Percebemos dessa forma, que com o passar do tempo, o leitor começou a ser valorizado. Inicialmente a figura do homem leitor é perceptível, mais tarde a mulher começa a fazer parte deste grupo e por último as crianças.

Esse cenário histórico contribuiu para a reflexão acerca das práticas de leitura e dessa forma podemos traçar um panorama do leitor da atualidade, que é o leitor de hipertexto. Para agregar mais informações acerca do leitor e da leitura iniciamos a conceituar o que vem a ser o processo de leitura e concluímos que ele se baseia na construção de sentido da matéria lida. Dessa forma, os estudos de Ângela Kleinman contribuíram para mostrar que há várias habilidades que envolvem o processo de leitura que precisam ser desenvolvidas no leitor, em busca da formação de um leitor autônomo.

Após essa análise partimos para a questão do hipertexto em si, primeiramente caracterizando esse recurso midiático e depois explorando as potencialidades de leitura no hipertexto. Percebemos que os hipertextos podem contribuir na formação de leitores pelo fato de agregarem uma série de questões que contribuem na construção do conhecimento e na emancipação do leitor. Ao realizar uma leitura ou pesquisa na web o leitor se torna co-autor, pois a partir dos fragmentos lidos ele constrói um texto próprio que resultou da interação com os recursos disponíveis.

No terceiro capítulo discutimos a cerca da questão da leitura na escola e concluímos que a escola, de modo geral, tem dificuldades de formar leitores autônomos e críticos. Isso se dá ao fato do texto ser utilizado para a aprendizagem da gramática e para exercícios que não visam à construção do sentido. Seria necessário que a escola tivesse em vista um trabalho de desenvolvimento de questões cognitivas da leitura, e dessa forma poderiam ajudar os alunos a compreender, a abstrair um sentido daquilo que lêem.

Direcionando o nosso olhar para a última etapa do trabalho refletimos sobre as contribuições das leituras de hipertexto na formação de leitores e concluímos que o hipertexto em primeiro lugar é um potencializador de aprendizagens. Como o nosso foco foi a questão

da leitura do hipertexto podemos dizer que ele é um recurso que auxilia a produção de sentido pelo fato da sua organização não ser linear e não apresentar uma sequência determinada a ser seguida. A memória humana é estruturada de tal forma que ela absorve melhor tudo o que esteja organizado de acordo com as relações espaciais. Sendo assim, compreendemos que a organização estrutural do hipertexto se assemelha a organização da memória humana.

Outra potencialidade do hipertexto que verificamos foi o fato de que ele permite relações associativas, pelo fato de disponibilizar uma série de informações através dos recursos multimídias que apresenta.

O hiperleitor participa ativamente da sua construção do conhecimento. Ele tem autonomia para decidir os caminhos a seguir e decidir quando é hora de parar. Através da leitura no ambiente hipertextual o leitor navega livremente pelos links disponíveis, e a aprendizagem acaba acontecendo de forma acidental.

À escola cabe realizar um trabalho com crianças e adolescentes para que eles se tornem leitores proficientes de textos e hipertexto, e utilizem esta ferramenta, assim como toda a potencialidade que ela apresenta.

Retomando a epígrafe deste trabalho podemos dizer que ao leitor é destinada a chave que possibilitará o acesso, a compreensão das palavras que tem múltiplos sentidos e faces ocultas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. *Procura da Poesia*. Disponível em: <<http://www.memoriaviva.com.br/drummond/poema025.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2010.

ANTUNES; BROCHADO. *Autor e leitor: dialogismo na construção da significação pessoal*. Disponível em: <http://www.alb.com.br/anais16/sem11pdf/sm11ss12_04.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2010.

ÁLVAREZ, Octavio Henao. O texto eletrônico: um novo desafio para o ensino da leitura e da escrita. In: PÉREZ, Francisco Carvajal; GARCÍA, Joaquim. (orgs.). *Ensinar ou aprender a ler e escrever?* Porto Alegre. Artmed. 2001.

ARAÚJO, Lindomar da Silva. *INFOESCOLA - Hipertexto*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/informatica/hipertexto/>> Acesso em: 06 out. 2010.

BELINTANE, Claudemir. *Educar na sociedade da informação*. Disponível em: <<http://www.cidade.usp.br/educar2001/mod4ses7.php>>. Acesso em: 02 nov. 2010.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1998. Volume 1.

_____. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. Volume 2.

CHARTIER, Roger. *A Aventura do Livro. Do Leitor ao Navegador*. São Paulo: UNESP, 1998.

COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e escrita de hipertextos: implicações didático-pedagógicas e curriculares. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (org). *Escrita e leitura de adolescentes na internet e na escola*. São Paulo. Editora Autêntica, 2006.

GALLI, Fernanda. *Linguagem da Internet: um meio de comunicação global*. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/LINGUAGEM%20DA%20INTERNET-um%20meio.pdf>>. Acesso em: 22 out. 2010.

GERALDI, João Wanderley (org.). A prática de leitura na escola. In: *O texto na sala de aula*. Editora Ática, 2002. São Paulo.

KALINKE, Marco Aurélio. *Internet na Educação: como, quando, onde e por quê*. Curitiba: Editora Expoente, 2003.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: Aspectos Cognitivos da Leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1992.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Texto e hipertexto. In: *Desvendando os segredos do*

texto. São Paulo: Cortez, 2002, p.61-73.

LEFFA, Vilson; VETROMILLE-CASTRO, Rafael. *Texto, hipertexto e interatividade*. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/Vilson_Leffa-Rafael_Castro.pdf> Acesso em: 23 out. 2010.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da Inteligência - O futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. *O que é o virtual?* São Paulo. Editora 34. 2000.

ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA O ENSINO MÉDIO. Linguagens, Códigos e suas tecnologias. (Capítulo 3). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em: 18 out. 2010.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez, 1993.

POSSENTI, Sírio. *Notas um pouco céticas sobre hipertexto e construção de sentido*. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/2098/1750>> Acesso em: 27out. 2010.

SANTAELLA, Lúcia. *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus, 2004.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

XAVIER, Antônio Carlos. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos. (Orgs.) *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p.170-180.